

Déficit americano vai abalar o Brasil

Da correspondente

São Paulo — O presidente do Unibanco e da Federação Nacional de Bancos, Roberto Konder Bornhausen, disse ontem em São Paulo que a expansão da economia americana, materializada num déficit comercial que em 84 deverá chegar a 100 bilhões de dólares, terá efeitos diretos sobre as exportações brasileiras no momento em que esse desequilíbrio caminhar para um ajustamento.

Ao falar durante reunião almoço da Câmara Italiana de Comércio, Bornhausen acrescentou que o déficit comercial dos EUA é razão suficiente para uma eventual desvalorização do dólar e, portanto, de uma provável fuga de capitais do país. Esse fato, associado ao déficit fiscal americano e à política monetária contracionista do Federal Reserve, poderá propiciar um aumento expressivo na taxa de juros dos EUA, o que leva a um dilema: se de um lado, a expansão americana é fundamental para a recuperação das exportações brasileiras, de outro é fonte de preocupação quanto ao custo de nosso endividamento.

Apesar de considerar a redução do déficit público brasileiro para zero, em 84, como um resultado altamente favorável para o equilíbrio da economia, salientou que ela trouxe, em contrapartida, inconvenientes preocupantes.

Entre eles, citou a violenta escalação fiscal ocorrida nos últimos meses, "com discriminatória e exagerada tributação sobre o sistema financeiro", e o corte dos gastos com investimentos, em detrimento da expansão do setor privado e provocando um processo de transferência de renda da sociedade para o Estado. Para o banqueiro, essa política seria mais produtiva e eficiente, além de menos traumática, se os cortes fossem feitos mais acentuadamente no custeio e não no investimento.

Defendendo a manutenção da correção monetária pois ela "não gera inflação", ele afirmou que, apesar da drástica redução de liquidez imposta ao sistema econômico, as taxas de inflação e de juros não apresentaram sinais de queda. A principal razão disso é o descompasso entre o ritmo de valorização dos ativos e passivos financeiros e o do crescimento da base monetária. Em segundo lugar, aparece a própria inflação, traduzida numericamente sob a forma de correção monetária e cambial, que desestabiliza a condução da política monetária. Embora a dívida mobiliária seja pequena em relação ao PIB, é enorme em relação à liquidez primária do sistema econômico, o que tem impacto expansionista sobre as taxas de juros reais. Além disso, é preciso lembrar que o nível da taxa de juros reflete a trajetória da própria infla-

ção, "sublinhou" e "enquanto ela estiver alta, os juros permanecerão altos, apesar da diminuição dos riscos cambiais ter exercido um efeito positivo sobre eles a nível interno".

Bornhausen deixou bem claro que o Sistema Financeiro não tem poder de arbitramento sobre as taxas de inflação, índices de correção monetária, alíquotas de tributação, nível de endividamento do setor público ou risco cambial — componentes predominantes na determinação do comportamento dos juros. "Insistiu nesse ponto porque o Sistema Financeiro tem sido por vezes apontado como o principal responsável pelas elevadas taxas de juros". De acordo com o empresário, nada mais equivocado, porque juros altos — só aumentam os riscos potenciais das operações financeiras, prejudicam os bancos e enfraquecem a empresa privada.

12 MAI 1984
ARROCHO

Antes de iniciar a palestra, o banqueiro conversou com os jornalistas presentes sobre as medidas de ajuste que o Governo pretende implantar para recuperar o controle da política monetária. Afirmou que os juros tiveram uma queda expressiva em decorrência das condições de mercado ocasionadas por uma flexibilidade maior da política monetária.